

JUBILEU DA ESPERANÇA

ESTUDO DO CONCÍLIO VATICANO II

Amadós irmãos e irmãs. Estamos vivenciando este tempo pascal em que Jesus ressuscitado vem ao nosso encontro. A alegria que brota da páscoa é uma esperança viva para o mundo. Como Igreja somos chamados a cada vez mais anunciar essa esperança e testemunhá-la no nosso dia-a-dia. Assim nos tornamos peregrinos de Esperança como nos pede o Papa Francisco. O jubileu do ano 2025, isto é, 2025 anos do nascimento de Jesus Cristo, quer ser para o mundo um renovar da esperança Cristã, ponto central de nossa fé e que a celebração da páscoa faz-nos participar. Por isso, a esperança não é apenas um conceito do tempo presente, nem tão pouco nos quer deixar alienados à realidade, mas ela é o vislumbre da glória eterna, da vida que Jesus veio nos trazer.

No evangelho de João, Jesus diz que quem o conhece jamais verá a morte. Eis o fundamento de toda esperança. Com sua morte e ressurreição Jesus nos abre a porta da esperança. De fato, não há mais morte, pois, Jesus transformou a morte em páscoa, isto é, passagem. Assim ele nos dá essa esperança viva de eternidade. E aí encontramos o fundamento de celebrar um jubileu do nascimento de Jesus. Ao vir a este mundo, ao se fazer um de nós, Jesus assume nossa realidade, nossa história. Por isso para vencer a morte e o pecado se faz necessário conhecê-lo, amá-lo e segui-lo.

A proposta do Papa Francisco para celebrarmos o jubileu é que comecemos por um estudo aprofundado dos principais documentos do concílio vaticano II. Algo que não está superado, mas que carece de conhecimento e aprofundamento, pois muito do que o Concílio pensou



ainda não foi praticado. Estudar os documentos do concílio na proposta do Papa Francisco, também implica em não o negar, ou interpretá-lo de maneira equivocada, quando ele não atende às nossas convicções, como fizeram alguns logo após o término do concílio. Trata-se de nos debruçarmos sobre esse acontecimento da história da Igreja, que mudou muito a nossa maneira de seguir e conhecer Jesus Cristo.

MAS O QUE FOI O CONCÍLIO VATICANO II?

Podemos dizer, com palavras simples, que foi uma espécie de assembleia dos bispos do mundo inteiro convocada pelo papa João XXIII. Foi no

dia 25 de janeiro de 1958 que o papa João XXIII, anunciou a um grupo de cardeais o seu desejo de convocar um concílio de toda Igreja. O último grande concílio, o Vaticano I, não realizou muitas mudanças significativas, apenas afirmando e acentuando algumas doutrinas que já vinham desde o concílio de Trento (1545 – 1563). Portanto, desde de então a Igreja caminhava de uma mesma maneira. Ao perceber que o mundo estava mudando, com o avanço da ciência e da tecnologia, o papa tem essa inspiração para toda a Igreja.

Conta-se uma história de que ao ser perguntado pelos cardeais mais próximos: “porque realizar um novo concílio?” O papa João XXIII abre as janelas do seu apartamento, vira-se aos cardeais e diz: “para que entre um ar novo”. Assim essa torna-se a principal motivação para o Concílio Vaticano II. Assim busca-se uma grande renovação na vida da Igreja para que este ar novo possa de fato entrar e trazer o novo sopro do Espírito Santo. Muitos bispos do mundo inteiro foram convocados para essa assembleia.

Muitos de nós não temos muito conhecimento do que foi o concílio ou que mudanças significativas trouxeram para a Igreja. De fato, ainda hoje existem muitas pessoas que o criticam. A verdade é que as disposições do concílio já vinham em forma de pensamento na Igreja e eram discutidas nas academias de teologia, como o movimento patrístico que buscou as fontes nos ensinamentos dos Santos Padres, o movimento bíblico que entende as fontes da revelação, o movimento litúrgico que procurava aprimorar a maneira de celebrar e entender a liturgia. Deste modo, foram esses movimentos que trouxeram luz ao concílio vaticano II e foram a base para as suas principais constituições. Já naquela época buscava-se uma abertura maior da Igreja e sobre tudo da Cúria Romana, para um espírito de sinodalidade. O que os papas seguintes, Paulo VI, João Paulo I, João



Paulo II, Bento XVI e o Papa Francisco tem colocado em prática. Podemos dizer que o Concílio Vaticano II abriu as portas para que hoje pudéssemos compreender a sinodalidade e o espírito de comunhão que deve ter a Igreja e o seu diálogo com o mundo moderno.

O papa Bento XVI, no último encontro com o clero de Roma, sua diocese, no dia 14 de fevereiro de 2013. Disse que na ocasião que participaram do concílio, os bispos foram “não só com alegria, mas com entusiasmo”. Esse entusiasmo se mostra muito importante para os bispos conciliares que foram fundamentais para o momento em que a Igreja estava vivendo.

COMO INTERPRETAR O CONCÍLIO?

Na ocasião do encontro com o clero de Roma, o papa Bento XVI disse que há duas formas de interpretar o concílio. Ele pode ser visto como ruptura com o passado, ou como continuidade. Ruptura quando dizemos que ele é totalmente novo, e que se rejeita aquilo que existia antes na Igreja. Busca-se apenas aquilo que é novidade. Continuidade, quando se entende o Concílio como um processo que faz parte da vida da Igreja em sua caminhada de fé. De fato, um concílio não nega o outro, o que se fala é apenas a forma de como se interpreta e como se coloca em prática as disposições aprovadas por ele.

O que Bento XVI afirma é que os bispos tiveram liberdade para buscar com teólogos e biblistas do mundo inteiro a formulação dos textos que foram apresentados como propostas para serem discutidos e votados. O então padre Joseph Ratzinger (Bento XVI) participou do concílio como teólogo assessor, ajudando a elaborar muitos documentos. Na ocasião, na primeira sessão do Concílio no dia 13 de outubro de 1962, rejeitou-se o texto que havia sido elaborado pela cúria romana, dando assim a entender que os bispos queriam de fato algo novo, e que viesse dos vários movimentos nascentes na Igreja.

QUAIS AS PRINCIPAIS CONTRIBUIÇÕES DO CONCÍLIO?

No dia 11 de outubro de 1962 o Papa João XXIII deu início ao Concílio em si. Ele seria realizado em 4 sessões, só terminando no dia 8 de dezembro de 1965. Como era a segunda vez que um Concílio era realizado no Vaticano, ele ficou conhecido como Concílio Vaticano II.

O total de participantes no evento conciliar foi de 3.060 membros com voz e voto, sendo: 1.059 da Europa; 408 da Ásia; 352 da África; 74 da Oceania; 416 da América do Norte; 89 da América Central; 531 da América do Sul (311 só do Brasil); e 129 Superiores Gerais religiosos. Assim em poucas palavras podemos dizer que a principal contribuição do Concílio foi a abertura da Igreja para o mundo moderno. A Igreja passa a não ver mais o mundo, a modernidade e o avanço da ciência e da tecnologia como algo ruim, mas como algo que precisa ser iluminado. A presença da Igreja no mundo torna-se sacramento, justamente para



santificar o mundo e não para virar as costas para ele. Diante disso se entende a própria compreensão de Igreja, não mais como apenas a hierarquia, mas como povo de Deus. Onde todos estão presente e são importantes, desde o papa até os leigos em seus mais diversos serviços. Essa compreensão passa também pela liturgia onde busca-se, portanto, uma participação de todos no mistério celebrativo.

Os documentos aprovados, ao longo das quatro sessões do Vaticano II, foram: **quatro Constituições** – sobre a **Liturgia** (*Sacrosanctum Concilium*), sobre a **Palavra de Deus** (*Dei Verbum*), sobre a **Igreja** (*Lumen Gentium*) e sobre as **relações da Igreja com a sociedade** (*Gaudium et Spes*) –, **nove Decretos** (sobre o ecumenismo, sobre os bispos, sobre os leigos, por exemplo) e três **Declarações** (sobre a liberdade religiosa, sobre a educação e sobre as religiões não-cristãs).

O Papa João XXIII veio a falecer em junho de 1962 entre a 1ª e 2ª sessões do Concílio. Mas isso não afetou o andamento do evento. Para seu lugar foi eleito Papa o arcebispo de Milão, cardeal Giovanni Battista Montini, que tomou o nome de Paulo VI (1963-1978) e deu sequência ao Concílio convocado por seu antecessor. Desde então, esses dois papas ficaram conhecidos como “Papas do Concílio”, devido a grande contribuição que tiveram para com a Igreja. Com o falecimento de Paulo VI, em 1978, foi eleito para o cargo o cardeal Albino Luciani, que para homenagear esses dois grandes papas escolhe o nome de João Paulo. Seu pontificado, porém, durou apenas 33 dias, vindo a falecer repentinamente em setembro de 1978. Assim em outubro, o polonês Karol Wojtyła é eleito e mantém o mesmo nome do antecessor, ficando conhecido como João Paulo II, num pontificado que durou 26 anos.

ESTUDO DO CONCÍLIO

Como forma de preparar o Jubileu de 2025, o Papa Francisco pede para toda Igreja para que

revisitemos os principais documentos do Concílio, como uma forma de vivermos essa esperança e esse novo ar para a vida da Igreja. Perguntado por um jornalista se convocaria um novo concílio para a Igreja, o Papa Francisco respondeu que “o Vaticano II ainda não foi superado”. Por isso, é preciso sempre mais estudá-lo e conhecê-lo, para que os caminhos de sinodalidade possam ser cada vez mais abertos por nós.

Na última reunião do Conselho Diocesano de Pastoral, os representantes das pastorais, movimentos e regiões pastorais de nossa diocese optaram por estudar os principais documentos do Concílio de duas formas. A primeira irá acontecer nos próprios grupos e pastorais, que foram subdivididos. Cada pastoral e movimento irá se debruçar sobre um documento específico, e na próxima reunião de junho faremos a socialização. A segunda forma de estudarmos esses documentos tão importantes, será através do nosso Jornal Caminhada. A cada mês iremos publicar um artigo sobre um documento específico do concílio. Deste modo, pedimos que esses textos sejam lindos e estudados nas paróquias, grupos e movimentos. Assim toda a nossa diocese vai entrando no espírito do Jubileu de 2025, como nos pede o Papa Francisco.

A CNBB lançou uma coleção de livros chamados “Cadernos dos Concílio”. São pequenos livros que nos abrem o horizonte para os principais documentos. Outra forma de preparação que o papa nos pede, durante esse ano é preparar-nos pela oração. Em breve serão disponibilizados formulários para toda a Igreja rezar e se preparar para esse grande acontecimento. Por isso desde já vamos nos preparando como Igreja diocesana para esse grande acontecimento de fé e Esperança, estudando os textos do concílio e aprofundando a vida de oração. Assim vamos caminhando como “Peregrinos de Esperança”.

Pe. Álvaro Emanuel da Silva

